

A prisão do ex-presidente Lula: os enquadramentos jornalísticos em La Nación e The New York Times¹

Vitória Faturi LONDERO²

Rodrigo Severo RODEMBUSCH³

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Unisinos, RS

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar os enquadramentos jornalísticos presentes nas matérias dos jornais La Nación e The New York Times durante a cobertura da prisão do ex-presidente Lula, ocorrida em 7 de abril de 2018. Com o intuito de atingir nosso objetivo, utilizamos como metodologia a análise indireta de enquadramentos da mídia proposta por Vimieiro e Maia (2011). Após a análise, constatamos que os jornais possuem especificidades e aspectos em comum na cobertura. Concluimos que o jornal La Nación enquadra majoritariamente a dramaticidade do fato, enquanto que o jornal The New York Times foca na contextualização do acontecimento. Ao final deste estudo, percebemos a versatilidade do processo metodológico escolhido, que respondeu nossa questão e permitiu caracterizar a cobertura de cada jornal de uma forma não-engessada.

PALAVRAS-CHAVE: enquadramento; acontecimento jornalístico; espetáculo midiático.

INTRODUÇÃO

A prisão do ex-presidente da República Luís Inácio Lula da Silva ocorreu no dia 7 de abril de 2018. Porém, antes de tecer qualquer abordagem proposta nesta pesquisa, é preciso que situemos o fato em questão levando em consideração seus antecedentes – que são igualmente importantes no contexto de nosso estudo. Ex-sindicalista, ex-metalúrgico e membro fundador do Partido dos Trabalhadores (PT), Lula foi presidente do Brasil durante dois mandatos (2003-2011), deixando como sucessora a também ex-presidente Dilma Rousseff. Em 2017, após denúncias do Ministério Público Federal (MPF) no ano anterior, Lula foi condenado pelo juiz federal Sérgio Moro a 9 anos e 6 meses de reclusão

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante da Especialização Audiovisual e Convergência de Mídias da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal da Santa Maria (UFSM) e-mail: vitorialondero@live.com

³ Doutor em Ciências da Comunicação (Unisinos). Mestre em International Media Studies (Deutsche Welle/Hochschule Bonn-Rhein-Sieg – Alemanha), e-mail: r.rodembusch@gmail.com

pelos crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro, incluindo também o recebimento de propina pela OAS Empreendimentos.

O acontecimento gerou reações contra e a favor do ex-presidente, movimentando sobremaneira o cenário político e setores da sociedade na época, já que Lula mantinha os planos de ser candidato à presidência novamente no pleito de 2018. Os ânimos se acaloraram ainda mais quando Lula foi condenado novamente em segunda instância pelo Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF-4) e sua pena foi aumentada para doze anos e um mês de prisão.

A defesa do ex-presidente entrou com um pedido de *habeas corpus*, que foi rejeitado pelo Supremo Tribunal Federal e, no dia 5 de abril de 2018, o magistrado Sergio Moro decretou a prisão de Lula, concedendo um prazo para que ele se entregasse na sede da Polícia Federal em Curitiba (PR). Findado esse prazo, o ex-presidente decidiu não se entregar, permanecendo na sede do Sindicato dos Metalúrgicos no ABC Paulista, cercado por seguidores e manifestantes de seu partido. Por fim, no dia 7 de abril de 2018, Lula decidiu se entregar à Polícia Federal, que já o esperava do lado de fora da sede do sindicato. O ex-presidente foi conduzido até a cela na sede da Polícia Federal em Curitiba.

Além de ter sido um espetáculo midiático nos meios de comunicação brasileiros, a prisão de Lula também gerou reações da mídia internacional dada a importância jornalística do tema e é nesse aspecto que a luz da presente pesquisa está focada. O questionamento está em descobrir que enquadramentos foram utilizados pela imprensa internacional para configurar o acontecimento da prisão de Lula. Para isso, foram escolhidas as matérias de capa dos jornais La Nación (Argentina) e The New York Times (Estados Unidos da América) referentes ao dia 8 de abril de 2018, data que precedeu o acontecimento em questão.

O ACONTECIMENTO JORNALÍSTICO E POLÍTICO

Os acontecimentos podem ser considerados a matéria-prima do jornalismo. O que seria da atividade profissional sem os fatos? É possível dizer que, para se ter notícia, é preciso que algo aconteça. Algo que, na teoria, seja de interesse público e se encaixe nos valores-notícia tradicionalmente estabelecidos pelo campo jornalístico. E para ter acontecimento, não basta que ele apenas aconteça - é preciso que seja relatado e/ou presenciado por alguém. Algo precisa acontecer com alguém, para alguém, em algum

lugar, em um determinado tempo. Daqui, parte-se para a noção de acontecimento jornalístico, que vem sendo estudada ao longo dos anos por diversas vertentes.

Um fato só se torna acontecimento a partir do momento em que ele é percebido e relatado pelos sujeitos. No caso do acontecimento jornalístico, França (2014) mostra que ele é resultado de um discurso que faz com que o fato bruto se torne um acontecimento válido de ser entendido pelos receptores. Ao citar Quéré, o autor ainda enfatiza o papel da mídia como exemplo para observarmos os campos problemáticos que se formam em torno de um acontecimento: “Todos os atores sociais (cidadãos, políticos, agências, instituições etc.) contribuem em conjunto para a construção do inquérito em torno do acontecimento, em um debate público cujos suportes e arena são múltiplos” (FRANÇA, 2014, p. 84). Além disso, essa transformação do fato bruto no acontecimento também depende de outras variáveis.

[...] a atividade de transformação da instância midiática não se exerce de qualquer maneira; depende das propriedades potenciais do fato bruto e do contrato de comunicação que o vincula ao consumidor de informação. Assim, os diferentes meios de comunicação produzem acontecimentos de acordo com as expectativas de seu público. (FRANÇA, 2014, p. 86-87)

A partir dessa ideia, pode-se refletir o porquê de muitas vezes um fato ser relatado em um veículo de comunicação e ser *ignorado* em outros; é um jogo que depende da política editorial do veículo, das rotinas de produção, dos interesses da empresa e do que o público espera ver naquele veículo. Existem ainda “acontecimentos que ocorrem independentemente de nossa vontade ou expectativa e há também aqueles que são provocados ou controlados com objetivos estratégicos” (FRANÇA, 2014, p. 82). Pode-se tomar como exemplo manifestações e protestos que são organizados justamente para chamar a atenção da sociedade através da TV e dos jornais.

Pensando o acontecimento jornalístico como um jogo de relações, Lage (2014) destaca que é preciso saber diferenciar o acontecimento do fato em si. A diferença entre ambos não estaria na essência do fenômeno,

mas na forma como são socialmente experimentados e qualificados [...] o acontecimento jornalístico nasce no interior de um jogo de interações entre o que ocorre, o que é configurado pelo jornalismo na forma de notícias, reportagens e outras modalidades narrativas, e o que é interpretado pelos sujeitos (LAGE, 2014, p. 80).

A prisão do ex-presidente Lula, acontecimento-chave para este trabalho, foi um fato de grandes proporções não apenas para os brasileiros, mas também para o cenário político global, já que mobilizou e foi assunto da imprensa internacional. Foi o primeiro ex-presidente da República no Brasil condenado e preso por corrupção – fato que possui alto valor notícia e recebe cobertura intensa da mídia. Por isso, é correto afirmar que ele se encaixa na definição de Santos (2005) como um *mega-acontecimento*. Segundo Berger e Tavares, esse tipo de fato “ultrapassa, inclusive, os sentidos disponíveis e ofertados a priori para sua explicação” (BERGER; TAVARES, 2010, p. 133).

Outrossim, a prisão de Lula foi um acontecimento político transformado em espetáculo midiático e para sustentar essa ideia, esta pesquisa com a contribuição da pesquisadora Maria Helena Weber (2011). Segundo ela, os espetáculos político-midiáticos “são capazes de mobilizar indivíduos, sociedade, instituições políticas e se impõem aos meios de comunicação – mídia” (WEBER, 2011, p. 189). A prisão do ex-presidente foi passível de grande cobertura midiática não só por ser um fato inédito e de interesse público; mas também por mobilizar praticamente todos os setores da sociedade e por ter um grande valor de permanência. A pesquisadora afirma que

o acontecimento público que possui na sua estrutura vital indicadores de permanência poderá ser transformado em espetáculo político-midiático, pois haverá manancial suficiente para despertar paixões coletivas, relacionar a ideais coletivos, estabelecer vínculos e construir cerimônias. A mobilização coletiva das paixões colabora para a formulação dos discursos políticos e midiáticos; para a mistura entre o público e o privado; para as pantomimas da celebração ou do luto. (WEBER, 2011, p. 195)

A mobilização de manifestantes contra e a favor da prisão foi igualmente importante para a construção do acontecimento como espetáculo político-midiático. De acordo com Weber, “rua e espetáculo são partes indissociáveis, mesmo que a estética e tecnologias midiáticas traduzam e recortem o acontecimento, confinando-o às telas” (WEBER, 2011, p. 197).

ENQUADRAMENTO JORNALÍSTICO E METODOLOGIA

Falar sobre enquadramento não é uma tarefa fácil. Apesar de o assunto já ter sido tema de estudo de diversos autores, ainda gera dúvidas em torno de seu conceito e de seus

aspectos metodológicos na pesquisa científica, principalmente na área da comunicação. Segundo Pozobon e Schaefer (2014), é preciso sistematizar e estabelecer alguns parâmetros a partir dos quais o conceito vai ser estudado. Mas antes de tudo, serão retomados alguns estudos que podem servir de chave para o entendimento da temática. Afinal, o que é o enquadramento jornalístico?

É necessário contextualizar que os estudos sobre enquadramento receberam grandes contribuições do sociólogo estadunidense Ervin Goffman. De acordo com ele, é a partir da pergunta “O que está acontecendo aqui?” que formulamos uma percepção sobre os acontecimentos e situações de acordo com “frames”, ou quadros (GOFFMAN, 1974). Ao discorrer sobre o autor, Porto conclui que “enquadramentos são entendidos como marcos interpretativos mais gerais construídos socialmente que permitem as pessoas fazer sentido dos eventos e das situações sociais” (2002, p.4).

No que tange à fotografia, por exemplo, o que é revelado na imagem estática é apenas uma parte de um todo: o contexto, a ação, os indivíduos etc. que estavam naquele espaço e naquele tempo, são aparecerão de acordo com o ângulo que a câmera é enquadrada. Quem ou o que estava fora do *frame*, não é retratado. É assim que acontece com a notícia: o jornalista, sempre que cobre um fato, enquadra o acontecimento a partir de uma perspectiva que leva em conta uma série de fatores que influem no processo de construção. Correia explica que

os frames são analisados com o auxílio das analogias dos enquadramentos na imagem (fotográfica, cinematográfica, etc.) ou dos conjuntos matemáticos. Nesse sentido, apresentam-se como dispositivos simultaneamente inclusivos e exclusivos, porque ao incluírem certas ações e mensagens excluem outras. Assim, o enquadramento é um tipo de mensagem que visa ordenar ou organizar a percepção do observador, dizendo: “Tenha em conta o que está dentro e não que está fora (2009, p. 69).

Dessa forma, é possível compreender o jornalismo enquanto uma construção social da realidade, pois são pinçados elementos que captam o fato a partir de uma determinada percepção – nunca a partir do todo real. Nesse contexto, Tuchman afirma que “o trabalho jornalístico transforma os acontecimentos em eventos noticiosos” (1978, p. 12). Para que um acontecimento seja notícia, ele deve corresponder à ideia do que é considerado notícia para a sociedade. O mesmo autor aponta que

a estrutura social produz normas, incluindo atitudes que definem aspectos da vida social que são de interesse ou importância aos cidadãos. As notícias supostamente dizem respeito a esses tópicos reconhecíveis. Socializados a essas atitudes sociais e a normas profissionais, os jornalistas cobrem, selecionam e disseminam histórias sobre temas identificados como interessantes ou importantes. Por conta do cumprimento dessa função por parte dos jornalistas, as notícias refletem a sociedade: as notícias fornecem à sociedade um espelho de suas preocupações e interesses. Para a definição de notícia de uma sociedade mudar, é lógico, a estrutura da sociedade e suas instituições devem mudar primeiro. (TUCHMAN, 1978, p. 183) [tradução nossa].

Ainda no contexto do enquadramento, Entman (1993) também é um grande expoente nos estudos dos frames. Segundo ele,

o enquadramento envolve essencialmente seleção e saliência. Enquadrar é selecionar alguns aspectos da realidade percebida e fazê-los mais salientes em um texto, de tal maneira a promover uma definição de um problema particular, interpretação causal, avaliação moral, e/ou uma recomendação de tratamento para o item descrito. (ENTMAN, 1993, p. 52; itálico no original; tradução nossa).

A análise dos enquadramentos noticiosos pode oferecer uma maneira de compreender o poder de um texto comunicativo. Além disso, possibilita entender como a influência sobre a consciência humana é exercida através da transferência de uma informação (seja um discurso, uma locução, um acontecimento) para essa consciência (ENTMAN, 1993).

Retomando Pozobon e Schaefer (2014), após essa breve discussão teórica, os autores abordam que é preciso sistematizar o estudo sobre o enquadramento, para que não se caia em um “indeterminismo ou confusão teórica” (2014, p. 166). Segundo eles, é preciso situar a pesquisa quanto à fonte do processo, à operacionalização e à aplicação. Na primeira instância, em relação à fonte, tem-se os enquadramentos noticiosos, que são “padrões de apresentação, seleção e ênfase utilizados por jornalistas para organizar seus relatos” (PORTO, 2002, p. 15) e os enquadramentos interpretativos, que dizem respeito a uma avaliação particular de temas e que são promovidas por atores sociais diversos (PORTO, 2002).

No que diz respeito à operacionalização dos enquadramentos, Scheufele (1999, apud POZOBON; SCHAEFER, 2014) dividiu-os em enquadramentos como variáveis dependentes e independentes. Ressaltam que,

de acordo com Scheufele (1999), os estudos dos enquadramentos como variáveis dependentes examinam o papel de vários fatores que influenciam a criação ou modificação dos enquadramentos. No nível midiático, o enquadramento de um assunto pelos jornalistas pode ser influenciado por variáveis socioestruturais ou organizacionais e por variáveis individuais ou ideológicas. Em nível da audiência, o enquadramento como uma variável dependente está relacionado a como os receptores são influenciados pela mensagem transmitida pela mídia, ou seja, o enquadramento é examinado como resultado direto do modo como a mídia enquadra determinado assunto. Já os estudos em que os enquadramentos servem como variáveis independentes, segundo Scheufele (1999), voltam-se geralmente aos efeitos do enquadramento. No caso da mídia, os resultados dos enquadramentos estão ligados diretamente à percepção dos receptores e, no caso da audiência, a pesquisa investiga se o enquadramento individual dos assuntos influencia a avaliação de atores políticos. (POZOBON; SCHAEFER, 2014, p. 164).

Em terceira instância, de acordo com Vimieiro (2010, apud POZOBON; SCHAEFER, 2014, p. 164), existem estudos que dividem as pesquisas em aquelas que aplicam o conceito de enquadramento de forma mais restrita, e aquelas que preferem um aspecto mais amplo. As primeiras, adotariam uma perspectiva textual, e as últimas, uma perspectiva cultural.

Durante o presente ensaio teórico, o enquadramento revelou-se um tema versátil e que requer cautela no que diz respeito a seu uso em pesquisas no âmbito do jornalismo. Entretanto, acreditamos que ele se aplica de forma válida na análise que esse trabalho se propõe a fazer. Estudar o enquadramento das notícias sobre a prisão de Lula em jornais de diferentes países pode trazer resultados enriquecedores, que nos permitirão comparar os fatores específicos que contribuíram na cobertura da catástrofe por cada veículo de comunicação. Ainda é necessário muito amadurecimento acerca do assunto, mas pensamos que os conceitos aqui apresentados são importantes para “determinar com mais segurança parâmetros metodológicos para o desenvolvimento dos estudos” (POZOBON; SCHAEFER, 2014, p. 166).

Para analisar o enquadramento da cobertura jornalística dos jornais escolhidos (La Nación e The New York Times), foi selecionada a matéria de capa de cada um dos periódicos do dia seguinte à prisão (Figura 1). A saber: **“Fin de la resistencia de Lula: se entregó a la policía y quedó preso en Curitiba”** – Jornal La Nación (08/04/18); **“Ex-President ‘Lula’ of Brazil Surrenders to Serve 12-Year Jail Term”** – Jornal The New York Times (08/04/18).

Figura 1 – Capas dos jornais La Nación e The New York Times



Fonte: LaNacion.com.ar e NYTimes.com

Com base especialmente em trechos das matérias, serão buscadas as especificidades dos enquadramentos de cada notícia. Para isso, foi utilizada a análise indireta de enquadramentos da mídia proposta por Vimieiro e Maia (2011). O método das autoras é baseado no método proposto por Matthes e Kohring (2008), que desmembra o enquadramento em elementos:

nossos elementos de enquadramento tentam detectar nos textos, a partir de aspectos mais objetivos e, portanto, menos complexos, aqueles princípios mais abstratos que formam os enquadres. Partimos da premissa que a conjugação de elementos passíveis de serem codificados mais objetivamente do que o enquadramento em si fornece as pistas para compreender um dado frame no texto. Logo, na codificação ou na aplicação empírica do conceito de enquadramento, torna-se mais fácil identificar elementos que juntos podem expressar um frame. Este procedimento pode fornecer uma confiabilidade e também uma validade mais significativa à pesquisa do que a detecção direta dos próprios enquadramentos. (VIMIEIRO; MAIA, 2011, p. 240)

Os referidos elementos são propostos por Gansom e Modigliani (1989) na forma de “pacotes interpretativos”. Segundo os autores, os “pacotes interpretativos” (*interpretative packages*) têm uma estrutura interna que abriga uma ideia organizadora

central, o enquadramento. Os pacotes oferecem um número de símbolos condensados – eles chamam de dispositivos – que sugerem o cerne do enquadramento. (VIMIEIRO; MAIA, 2011, p. 241). Dessa forma, os dispositivos simbólicos são divididos entre os de enquadramento (metáforas, exemplos, slogans ou chavões, representações e imagens visuais) e os de justificação (origens ou causas, consequência ou efeito, e apelo a princípios).

A fim de simplificar a análise, e devido à singularidade do acontecimento aqui estudado, foram excluídos elementos não pertinentes ao trabalho. A respeito dos dispositivos de enquadramento, foram mantidas as metáforas, que podem ajudar a detectar aspectos emocionais e sensacionalistas nas matérias e as representações, que permitiram criar categorias após a leitura das notícias. As categorias de representações ajudam a detectar no texto os enquadramentos presentes nas matérias. Elas representam uma ideia, e até mesmo um juízo de valor. Segundo Rothberg, a representação vai de encontro com o enquadramento.

Representar não é apenas expressar, mas também deixar de expressar; é reter, cortar, selecionar e encaixar a partir do que não foi eliminado. E o que foi cortado pode ser mais importante na composição do significado contido em uma representação - que diz mais, justamente, não pelo que revela, mas pelo que omite. [...] Uma representação é, assim como um enquadramento, uma apropriação particular de sentido que opera vínculos e limpa o terreno simbólico para proporcionar a proeminência de dada perspectiva. (ROTHBERG, 2014, p. 412-413).

Quanto aos dispositivos de justificação, foram mantidos apenas as origens ou causas, que apontam como as matérias descreveram o que causou a prisão. Na análise, o protocolo final observou as seguintes categorias: representação e metáforas (enquadramento) e causas (justificação).

LA NACIÓN

Partindo de uma perspectiva latino-americana, o primeiro jornal que compõe a análise é o argentino La Nación. O periódico foi fundado em 1870 por Bartolomé Miltre e tem sede em Buenos Aires. Com 160.000 exemplares de segunda a sábado e 250.000 aos domingos, é um dos jornais argentinos mais famosos e lidos na Argentina.

A matéria de capa analisada foi publicada no dia 8 de abril de 2018, dia seguinte a prisão do ex-presidente Lula, e é intitulada “*Fin de la resistencia de Lula: se entregó a la policía y quedó preso en Curitiba*”. Aplicando a análise de enquadramento proposta por Vimieiro e Maia (2011), foi possível obter uma amostra que dá indícios de como o acontecimento *prisão de Lula* foi contado pelo jornal.

Iniciando a partir dos dispositivos de representação, a percepção de *Lula Como Candidato às Eleições 2018* esteve presente quando a matéria cita que o ex-presidente pretendia ser candidato em outubro, pretensão que, seguindo a lei eleitoral, seria descartada por conta de sua condenação. Ainda segundo a matéria, Lula teria um “favoritismo” no páreo: “[...] para las que encabezaba todas las encuestas, con un 37% de intención de voto”.

A construção de *Lula Como Ícone de Esquerda* se revelou na matéria através da relatada tentativa do ex-presidente em construir laços com outras forças de esquerda, além da menção de quem o acompanhava nos atos em frente à sede do Sindicato dos Metalúrgicos, como a ex-presidente Dilma Rousseff, aliados políticos e artistas. Seu legado como presidente por dois mandatos (2003-2011) e como o primeiro presidente operário da história do Brasil foi uma categoria de *Retomada ao passado*, citando as políticas de inclusão criadas durante sua administração.

As duas percepções que mais estiveram presentes em todo o texto da matéria e merecem destaque em nossa análise foram a) *Emoção/Dramaticidade*: o jornalista usou diversas vezes palavras que denotavam certo sensacionalismo, como “assombroso”, “emotivo”, “dramático”, “desgraça”, “comovente”; e as emoções do ex-presidente e de seus seguidores foram destacadas no texto o tempo inteiro: “Fue el momento más emotivo de la intensa jornada: sus seguidores, con lágrimas en los ojos, lo cargaron en andas por encima de la muchedumbre, lo abrazaban y le entregaban rosas blancas”; e b) *Seguidores Que Lutam*: esses mesmos seguidores que se emocionam, também enfrentam a polícia, gritam e impedem que Lula se entregue. A *Ação Policial Contra Manifestantes* também foi mencionada na matéria: “[...] la policía tuvo que lanzar bombas de estruendo y disparar balas de goma para dispersar a los manifestantes [...]”.

A *Comemoração de Opositores* do ex-presidente foi retratada: “La llegada del exmandatario brasileño fue recibida por fuegos artificiales y bocinazos por sus opositores [...]”. Além disso, a matéria citou o avanço do pré-candidato de extrema-direita às eleições *Jair Bolsonaro* como o “maior medo dos petistas”.

Quanto aos dispositivos de causas, encontramos duas subcategorias: a prisão como uma consequência da condenação na *Operação Lava-Jato*; e, nas palavras de Lula, como consequência de uma *Perseguição Política*: “[...] despachó con enérgicos ataques a la prensa, la Justicia y las élites económicas; según él, todos cómplices de una persecución política para que no vuelva al poder más adelante”.

Por último, mas não menos importante, destacamos a matéria como repleta de frases e expressões metafóricas, como: “[...] blindado por miles de seguidores [...]”; “[...] Lula optó por darse un verdadero baño final de masas al terminar su discurso [...]”; “El asombroso desenlace [...]”.

THE NEW YORK TIMES

O segundo e último jornal que compõe a presente análise é o americano The New York Times, que tem circulação diária e é publicado na cidade de Nova York, sendo distribuído em todo o território dos Estados Unidos e também em outros países. Foi fundado em 1851 por Henry Jarvis Raymond e George Jones e pertence à The New York Times Company, que controla outros dezessete jornais e cinquenta sites. A escolha desse veículo de comunicação é simbólica: um jornal de grande circulação e que é referência em todo o mundo. A matéria de capa analisada também foi publicada no dia 8 de abril de 2018, dia seguinte a prisão de Lula, com a manchete: “*Brazil’s Ex-Chief Ends a Standoff To Report To Jail*”. Aplicando a análise de enquadramento de Vimieiro e Maia (2011), foi possível detectar características importantes da cobertura da prisão de Lula pelo NYT.

Iniciando novamente pelos dispositivos de representação, *Lula Como Candidato às Eleições 2018* foi retratado na matéria também como “favorito” nas intenções de voto. O jornal lembrou a fala de Lula de que uma possível condenação não o atrapalharia como candidato, e afirmou que o possível fim de sua candidatura por conta de uma ação judicial pode questionar a “imparcialidade das eleições de outubro”. Nesse contexto, a prisão de Lula pela *Atuação da Justiça Brasileira* foi retratada como um “grande triunfo” para juízes e promotores após anos de esforços contra a impunidade. E aqui surge a categoria *Outras Fontes*, que traz ao texto a opinião de dois especialistas sobre a condenação – um contra e outro a favor.

Lula Como Ícone de Esquerda foi retratado através de seu papel na fundação do Partido dos Trabalhadores (PT) e sua influência no mesmo, da priorização de políticas

que diminuam a desigualdade social e de seu poder de “indicar” candidatos que possam o “substituir” nas eleições, fazendo elogios a Manuela d’Avila e Guilherme Boulos. Além disso, *Outros (pré)Candidatos* à Presidência da República também foram citados na matéria, como a ambientalista Marina Silva.

O *Impeachment de Dilma Rousseff* foi assunto da matéria como um fato que teria polarizado os brasileiros, citando Michel Temer como um “político de centro-direita sem popularidade e também acusado de corrupção”.

A *Retomada ao Passado* esteve presente na matéria através da lembrança dos mandatos do ex-presidente. O jornal afirma que Lula saiu da presidência em 2011 com altos números de aprovação entre os brasileiros e conhecido no estrangeiro como um mediador diplomático efetivo. Em contrapartida, o jornalista cita que Lula é o primeiro ex-presidente a ser acusado de corrupção e preso desde que o Brasil restaurou sua democracia nos anos 80. Além disso, a matéria relembra a *Relação Com os EUA*, mencionando o dia em que o ex-presidente Barack Obama se referiu a Lula como “o político mais popular da Terra”.

A matéria cita os *Seguidores Que Lutam*, relatando o bloqueio que impediu que Lula saísse para se entregar e as palavras de ordem gritadas pela multidão, como “Lula Livre”. Por outro lado, a *Comemoração de Opositores*, que celebraram a prisão do ex-presidente, também foi citada. Entre eles, o prefeito da cidade de São Paulo, João Dória: “Decent Brazilians are celebrating this historic moment. Justice has been served,” João Doria, a former mayor of São Paulo, who is believed to have presidential aspirations, said in a statement”. O jornal também mencionou a reação de *Jair Bolsonaro*, dizendo que a mesma teria sido “mínima”: um tweet com a imagem da bandeira do Brasil.

Quanto aos dispositivos de causas, também foram encontradas duas subcategorias: a prisão como consequência da *Operação Lava-Jato* e, nas palavras de Lula, como resultado de uma *Perseguição Política*: “Mr. da Silva, 72, accused prosecutors and judges of knowingly pursuing a baseless case against him.” Quanto às metáforas, não foram encontradas nenhuma no texto estudado.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa se dedicou a analisar os enquadramentos jornalísticos nas notícias sobre a prisão do ex-presidente Lula em dois jornais internacionais de

abrangências diferentes: La Nación (Argentina) e The New York Times (EUA). Ao chegar ao final da análise proposta neste trabalho, foi possível perceber que cada jornal teve suas especificidades no que diz respeito à cobertura jornalística do acontecimento em questão, mas também compartilharam aspectos em comum. Não se tem como pretensão reduzir um enquadramento fixo para cada periódico, pois tem-se a convicção de que as perspectivas encontradas aqui não são engessadas e também não dão conta do todo da cobertura de cada jornal.

Em La Nación, percebe-se o constante uso de um discurso emocional e que apela para a dramaticidade do acontecimento, sendo articulado com a luta dos seguidores do ex-presidente Lula que, segundo a matéria, chegaram a entrar em confronto com a polícia. A matéria do periódico argentino é notadamente focada no fato da prisão em si, e tenta relatar ao máximo a reação dos personagens envolvidos no acontecimento, fazendo o uso também de metáforas.

Em The New York Times, foi possível notar uma cobertura focada também em outros pontos que ajudam a construir o acontecimento “Lula preso”, como por exemplo, o impeachment de Dilma Rousseff, as eleições de 2018 e o cenário político do Brasil nos últimos anos. A matéria contém uma maior pluralidade de fontes e ajuda a “situar” o leitor no acontecimento, tecendo também a relação de Lula com os Estados Unidos da América. Concluímos que, apesar de compartilharem aspectos em comum na cobertura da prisão do ex-presidente Lula, os dois jornais analisados se diferem quando percebemos a contextualização do fato sendo mais detalhadamente construída em The New York Times, enquanto que em La Nación o apelo pela dramaticidade do acontecimento é predominante.

Finalmente, admitimos a dificuldade em atribuir enquadramentos a coberturas de jornais cujas rotinas de produção são distintas e nas quais não estamos inseridas. Não temos a pretensão de darmos a última palavra. O dia-a-dia do jornalista é marcado por diversos aspectos, sejam eles organizacionais ou externos. Acreditamos que o presente trabalho pode ser de grande utilidade para pesquisas futuras que se proponham a analisar coberturas jornalísticas de jornais nacionais e internacionais, e esperamos que nossa análise contribua para o fortalecimento das pesquisas em comunicação.

REFERÊNCIAS

BERGER, C.; TAVARES, F. M. B. **Tipologias do acontecimento jornalístico**. In: FONSECA, P. da S.; BENETTI, M.. (Orgs.). *Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos*. Florianópolis: Insular, 2010.

CORREIA, J. C. E-book. **Teoria e crítica do discurso noticioso: notas sobre jornalismo e representações sociais**. Covilhã: Livros LabCom, 2009.

ENTMAN, R. M. **Framing: Toward clarification of a fractured paradigm**. In: *Journal of Communication*, v. 43, n. 4, p. 51–58, 1993. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1460-2466.1993.tb01304.x/abstract>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

FRANÇA, R. O. **Acontecimento**. In: FRANÇA, V.; MARTINS, B.; MENDES, A. (Org.). *GRIS: Trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação*. 1ª ed. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2014, p. 82-88.

GAMSON, W.; MODIGLIANI, A. **Media discourse and public opinion on nuclear power: a constructionist approach**. *American Journal of Sociology*, v. 95, p. 1-37, 1989.

GOFFMAN, E. **Frame analysis: an essay on the organization of experience**. Cambridge: Harvard University Press, 1974.

LAGE, L. **O acontecimento é o passado da notícia?** In: LEAL, Bruno Souza et al. (Orgs.). *Para entender o jornalismo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. p. 77-88.

MATTHES, J.; KOHRING, M. **The content analysis of media frames: Toward improving reliability and validity**. *Journal of Communication*, v. 58, n. 2, p. 258-279, 2008.

PORTO, M. P. **Enquadramentos da mídia e política**. In: RUBIM, A.A. (Org.). *Comunicação e Política: conceitos e abordagens*. Salvador: EdUFBA, 2004. p. 73-104.

POZOBOON, R. O.; SCHAEFER, R. **Perspectivas contemporâneas das pesquisas sobre enquadramento: uma proposta de sistematização conceitual**. In: *Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos*, v. 16, n. 3, 2014. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2014.163.02>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

ROTHBERG, D. **Enquadramentos midiáticos e sua influência sobre a consolidação de direitos de crianças e adolescentes**. *Revista Opinião Pública*, Unicamp, vol. 20, n. 3, p. 407-424, dezembro, 2014.

SANTOS, J. M. **Da perda do mundo à sociedade dos (mega) acontecimentos**. *Trajectos – Revista de Comunicação, Cultura e Educação*. Lisboa, nº 6, 2005.

TUCHMAN, G. **Making News: A study in the construction of reality**. New York: The Free Press, 1978.

VIMIEIRO, A. C.; MAIA, R. C. M. **Análise indireta de enquadramentos da mídia: uma alternativa metodológica para a identificação de frames culturais.** Revista Famecos, Porto Alegre, v. 18, p. 235-252, jan/abril. 2011.

WEBER, M. H. **Do acontecimento público ao espetáculo político-midiático.** Caleidoscópio – Revista de Comunicação e Cultura, Lisboa, v. 10, p. 189-203. 2011.